

## **Celebração da diversidade: representações juvenis na série *Sex Education*<sup>1</sup>**

Rodrigo Bomfim OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

### **RESUMO**

A fruição social de consumo de bens simbólicos tem mudado drasticamente nos últimos anos, sobremaneira através dos processos de digitalização, plataformização e endereçamento algorítmico dos conteúdos. Não é diferente no campo do audiovisual. E aqui ressalto as narrativas seriadas, comumente chamadas de séries. Diante disso, no presente artigo, pretendo, de forma panorâmica e prospectiva, trazer questões sobre a diversidade de representações juvenis em narrativas seriadas contemporâneas presentes nas plataformas de streaming. Como recorte viável, explorarei a série *Sex Education* (Netflix) como exemplo norteador das discussões propostas. O foco é compreender os modos como os chamados *teen dramas* — um subgênero narrativo do audiovisual, que acompanha e se adequa às mudanças no mercado televisivo e de nicho no streaming — têm representado esses sujeitos. A metodologia para a construção do presente texto sustenta-se em uma pesquisa bibliográfica multidisciplinar que contempla o estudo de caso (GIL, 2002; SOUSA, 2006), conceitos sobre juventudes (ABRAMO, 1997; GROppo, 2000) e representação (HALL, 2016 e WOODWARD, 2014).

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas seriadas; Juventudes; Diversidade; Sex Education.

### **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas testemunhamos uma transformação extraordinária nas formas de consumo de conteúdos audiovisuais, catalisadas pela ascensão de tecnologias emergentes e das plataformas de streaming. Se antes a TV aberta reinava absoluta como uma janela para o mundo, hoje perde lugar para as plataformas de internet. Embora ainda seja muito forte e presente especialmente por causa do relevante papel de suas telenovelas como um artefato cultural brasileiro (Corrêa-Rosado, 2022), sendo capaz de mobilizar grandes massas e trazer debates públicos sobre questões socioculturais diversas.

A televisão, que em 2023 completou 73 anos de implantação no Brasil, teve e tem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Pesquisador do Observatório da Comunicação e Culturas Contemporâneas (GOCC), CNPQ/UESC. Email: [rboliveira@uesc.br](mailto:rboliveira@uesc.br)

---

uma centralidade na vida social, no debate público e no âmbito cultural em geral. Além disso, teve seu apogeu como mídia aberta generalista (Wolton, 1996) até o fim dos anos 1990, mas modificou-se para se adequar às exigências da denominada TV Social (Fechine, 2017) a partir dos anos 2000, tudo isso viabilizado pela convergência midiática e pela cultura participativa, articulada por meio da Internet.

Os serviços de streaming, amplamente conhecidos na atualidade, são frutos de uma descoberta de George O. Squier, em 1920, quando patenteou um sistema de distribuição e transmissão de sinais por meio de linhas elétricas. Entretanto, a prática só passou a ser difundida anos depois, haja vista os recursos tecnológicos da época. Com a expansão de uma nova forma de transmitir entretenimento, empresas de transmissão e criação de conteúdo ficcional/televisivo se apropriaram da técnica — que entrega ao espectador a chance de acompanhar eventos ao vivo ou gravados, filmes e seriados, a qualquer momento e em qualquer lugar.

Em 2011, com a chegada das Smart TVs — aparelhos capazes de se conectar à internet e, conseqüentemente, plataformas de streaming de vídeo, o consumo se intensificou. Foi em 05 de setembro de 2011 que a plataforma mais conhecida mundialmente, a Netflix<sup>3</sup>, iniciou suas atividades no Brasil. Assim, o consumo de produtos audiovisuais, que antes era rígido, passou a ser flexível, chamado de *Vídeo On Demand* ou VOD. Ou seja, desde então, assistir esses conteúdos não é mais um hábito perpetuado por horários rígidos e determinados previamente. Agora, o produto ficcional está ao alcance de um clique.

Após o ápice de consumo de conteúdos audiovisuais de maneira pirata<sup>4</sup>, diversas plataformas começaram a disponibilizar ficções seriadas por streaming, sendo que muitas delas são produzidas apenas para esse fim, e por isso são chamadas de webséries. O serviço de streaming possibilita a transmissão de dados simultaneamente ao seu consumo, sem que esses fiquem armazenados no dispositivo do usuário. Ou seja, não há necessidade de que o conteúdo seja transferido por completo, para o dispositivo do espectador, para poder ser assistido (Castellano; Meimaridis, 2016).

---

<sup>3</sup> Em relação ao serviço de streaming de vídeo, a Netflix foi o player líder em acessos no mesmo período. Somando as visualizações nos dispositivos móveis e no desktop, a plataforma alcançou uma média de 50 milhões de visitantes únicos por mês, como mostra o relatório feito pela empresa de análise de internet Comscore (2023).

<sup>4</sup> Segundo o relatório *State of the Internet* da empresa de cibersegurança americana Akamai (Piratas, 2022), o Brasil assumiu a 5ª posição no mundo em consumo de pirataria digital.

---

Dessa forma, as narrativas seriadas foram se diversificando e se proliferando por diversos serviços, e praticamente todos os grandes canais de televisão oferecem a possibilidade de assistirmos aos conteúdos que estão disponíveis em plataformas próprias ou associadas, de modo gratuito ou pago, pelo sistema de streaming de vídeos. Dentro do universo das narrativas seriadas, há um nicho de produções juvenis nas principais plataformas.

Através de um breve mapeamento, verifiquei que há produções de vários países que se voltam para a tematização das juventudes, evidenciando um interesse nesse nicho de mercado. Apenas da Netflix, posso nomear: *13 reasons why* (EUA, de Brian Yorkey, quatro temporadas, 2017 a 2020); *Atypical* (EUA, de Robia Rashid, quatro temporadas, 2017 a 2021); *Boca a boca* (Brasil, de Esmir Filho, uma temporada, 2020); *Control Z* (México, de Carlos Quintanilla Sakar, Adriana Pelusi e Miguel García Moreno, três temporadas, 2020 a 2022); *Elite* (Espanha, de Ramón Salazar *et al.*, três temporadas, 2018 a 2020); *Eu nunca...* (EUA, de Mindy Kaling e Lang Fisher, quatro temporadas, 2020 a 2023); *Merlí* (Espanha, de Héctor Lozano e Eduard Cortés, três temporadas, 2015 a 2017); *Sex education* (Reino Unido, de Laurie Nunn, quatro temporadas, 2019 a 2023); *Sex!fy* (Polônia, de Piotr Domalewski, duas temporadas, 2021 e 2023); *Skins* (Reino Unido, de Kamie Brittain e Bryan Esley, sete temporadas, 2007 a 2013); *Stranger things* (EUA, de Matt e Ross Duffer, quatro temporadas, 2016 a 2022), entre outras.

Temáticas como sexualidade, identidade de gênero, depressão e drogas são abordadas por tais séries e promovem a desconstrução de estigmas, discussões saudáveis e representatividade da diversidade de vivências juvenis. Dentre elas destaca-se *Sex education* (2023), cujo enredo se passa em ambientes domiciliares e escolares, trazendo representatividade aos temas abordados, ao relacioná-los à educação familiar e institucional.

Nesse contexto de evolução constante, concorrência, fragmentação do conteúdo e com a popularização dos serviços de streaming na última década, os seriados tomaram uma importância ímpar na cultura midiática internacional, suplantando em alguns países a própria produção televisiva nacional, além de ocupar um considerável espaço<sup>5</sup> na

---

<sup>5</sup> Segundo a edição de 2022 do estudo “Eu nas Séries”, da NBCUniversal Brasil, cerca de 93% dos brasileiros, algo como 115 milhões de fãs, acompanham séries atualmente — em 2018, na primeira edição da pesquisa, essa porcentagem era de 51% (<https://gente.globo.com/estudo-eu-nas-series/>). Desse público total, 60% aumentaram o consumo durante a pandemia, e o motivo principal por trás desse comportamento é a busca por conforto.

fruição e entretenimento social. Observando a heterogeneidade temática, gêneros e formatos dos catálogos das plataformas, resalto que há várias produções que se voltam para o universo juvenil e oferecem representações a partir de histórias ficcionais diversas, advindas de países diferentes.

A hipótese aqui é de que diversas produções atuais estão atentas, em seus enredos, a dialogar com o espírito de tempo contemporâneo e preocupadas com o respeito às diferenças, autoaceitação, diversidade de corpos, identidades de gênero e sexualidade. Como o audiovisual também tem um papel pedagógico, podemos inferir que há possibilidade de diálogo entre pares e com as famílias sobre os temas propostos nas narrativas. Para corroborar com esta reflexão trarei apontamentos a partir de alguns personagens da série britânica *Sex education*, que estreou em 2019 e está em sua quarta e última temporada.

Com base em uma observação prévia da referida websérie, percebe-se que ela apresenta debates sobre desigualdade, expressão e identidade de gênero, assim como representações educacionais relacionadas a valores morais do sexo, da sexualidade e do consumo de mídia. O objetivo deste artigo, portanto, é o de discutir o fluxo narrativo das quatro temporadas de modo panorâmico e observar questões ligadas à diversidade de vivências juvenis.

## **METODOLOGIA**

De criação de Laurie Nunn, *Sex education*, de acordo com Manchine, Jacinto e Desidério (2020, p. 1790), possui “[...] um conteúdo acessível que discute sexualidade livre de tabus e, por essa razão, é benéfico para a sociedade em geral”. Os autores constatam ainda que muitas questões que são abordadas no enredo têm proporcionado a reflexão de adolescentes e adultos sobre temas considerados simples e estigmatizados simultaneamente (Manchine; Jacinto; Desidério, 2020).

Para dar conta dessa dimensão, a metodologia aqui adotada é de cunho descritivo e de abordagem qualitativa, com estudo de caso da série. O estudo de caso permite uma análise aprofundada de um fenômeno específico (GIL, 2002), explorando as complexidades das relações juvenis aí presentes.

Inicialmente, e de forma panorâmica, contextualizo as vivências juvenis nas quatro temporadas da websérie britânica *Sex education* (2023), mas me detenho na última delas, composta por oito episódios e lançada em setembro de 2023. Foram feitos recortes e escolhas com foco na diversidade de alguns personagens, tendo em vista que a referida

---

série tem muitas tramas, subtramas e complexidade narrativa.

A reflexão aqui proposta caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com elementos de estudo de caso, pois busca levantar noções importantes acerca da diversidade de representações midiáticas juvenis na referida série *Sex education*, tendo seu impacto acerca de questões ligadas à educação sexual, autodescoberta, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), disfunção sexual, aborto, questionamento de preferências sexuais, descoberta da própria sexualidade, consentimento, assédio sexual, homofobia, relação abusiva, exposição on-line, etc.

### **CONTRIDUIÇÕES DA PESQUISA**

Trazer à baila apontamentos introdutórios e gerais, apresentados por meio da série escolhida, e identificar a diversidade de gênero, sexualidade e corpos no contexto das juventudes. Também, constatar que a série traz à tona os conflitos inerentes à vida humana, em especial aqueles que permeiam os corpos dos que integram a comunidade LGBTQIAP+. Além disso, evidenciar o doloroso processo de construção identitária de sujeitos jovens contemporâneos quando demonstra de que maneira os discursos conservadores advindos de entidades detentoras do poder (a escola por exemplo) caracterizam-se como percalços para que os sujeitos possam performar suas identidades livremente.

Convém ainda reiterar a força das narrativas seriadas, agora amplamente consumidas em plataformas de streaming, cuja histórias narradas funcionam como janelas e orientações para o mundo social. Esse gênero revela reações emotivas de sujeitos diversos, situados em diferentes realidades, e nos leva a enxergar como esses mesmos sujeitos constituem e são constituídos por e pela linguagem audiovisual.

Por fim, há de se assinalar a importância da série *Sex Education* no atual contexto histórico marcado por tantos retrocessos, ao trazer um conteúdo acessível que discute sexualidade livre de tabus e, por essa razão, é benéfico para a sociedade em geral. Tendo em vista o sucesso de público que várias narrativas seriadas obtêm atualmente e a centralidade de conversações advindas dos conteúdos abordados nelas, as comunidades escolares e acadêmicas em geral devem estar atentas ao que se assiste para dialogar com as juventudes contemporâneas.

### **REFERÊNCIAS**

ABRAMO, Helena. Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, p. 25-36, dez. 1997. Disponível

---

em: [www.educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci\\_abstract](http://www.educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstract). Acesso em: 10 dez. 2023.

ANDREO, Caio et al. **Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros**. Estudos e Pesquisas em Psicologia (Rio de Janeiro), 16(1), 46-67, 2016.

BONFIM, Cláudia. **Educação sexual a formação de professores: da educação sexual que temos à educação sexual que queremos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

CASTELLANO, Mayka; MEIMARIDIS, Melina. Netflix, discursos de distinção e os novos modelos de produção televisiva. **Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 193-209, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/16398>. Acesso em: 25/11/2023.

CASTILHO, Fernanda; LEMOS, Ligia Prezia (org.). **Ficção seriada: estudos e pesquisas**. Aluminio; Votorantim: Jogo de Palavras; Provocare, 2018. V. 1.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HEILBORN, Maria. **Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência**. Psicologia Clínica (Rio de Janeiro), 24(1), 57-68, 2012. <https://www.scielo.br/j/pc/a/f3rcpqWssvByWqQkBjVz9dN/?lang=pt#> Acesso em: 20.12.2023

Jeronimo, Leila Heloise da Silva. **A (re)produção grotesca do inacabamento identitário da comunidade LGBTQIAP+ na série Sex Education**. 2022. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/49473/1/InacabamentoidentitariocomunidadeLGBTQIAP\\_Jeronimo\\_2022.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/49473/1/InacabamentoidentitariocomunidadeLGBTQIAP_Jeronimo_2022.pdf). Acesso em: 13.12.2023.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000. p. 7-34.

MANCHINE, Isabela; JACINTO, Jéssica C.; DESIDÉRIO, Ricardo. A sexualidade silenciada no ambiente escolar e as contribuições da série Sex Education. **Revista On Line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp. 3, p. 1780-1792, nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14276>. Acesso em: 20.12.2023.

MARGULIS, Mario; ARIOVICH, Laura. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996.